

Suas Magestades e Altezas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

Sua excellencia o sr. conde
de tomar continúa em Madrid
a viver sumamente tristonho
e cheio de saudade.

A CRISE!



SEGUNDO as ultimas
noticias que temos
recbido, a crise
nao faz crise, os
ministros progridem
pacificamente a tra-
balhar para bem dos
povos, e o Falcão
é incansavel em seu
systema de enthe-
souvar: parece fóra
de toda a duvida,
que á sua sahida

do ministerio, visto não ter pago a nin-
guem, deixará os cofres cheios (os seus
se entende) mostrando assim; o que póde
um ministro probo, e económico:

A' ULTIMA HORA.

Rompeu-se o bota do pé esquerdo do
João Elias!!! Esta crise é medonha; pa-
rece que nem o remonte á póde salvar!!
Deus salve o paiz!!

OS CABRAES.

Quem uma vez furta, fiel nunca.
(Demosthenes.)



ENDO-SE suscitado a
questão, de qual
dos dois honrados
Cabraes tem roun-
hado mais, jul-
gamos dever pub-
licar de novo o
frappa das surri-
piadellas daque-
les distinctos ca-
valheiros.—Ei-lo
pois:

Em 1842, depois
da muito desaforada revolução de 27 de
Janeiro, um dos directores da compa-
nhia dos vinhos do Alto Douró, dotado
de um coração generoso, untou as mãos
ao virtuoso José dos Conegos com vinte
contos de réis, para dividir com o mano
Antonio, por este haver decidido cons-

cienciosamente um negocio da compa-
nhia 20:000\$000

Diz a carta constitucional
no art. 145, §. 23 "que
nenhum genero de traba-
lho; cultura, industria,
ou commercio, póde ser
prohibido, uma vez que
se não opponha aos custo-
mes publicos, á seguran-
ça e saude dos cidadãos."
Os irmãos Cabraes exer-
ceram uma industria, um
commercio, e não constá
que adoeceesse cidadão al-
gum.

Em 1843 receberam sessen-
ta contos em acções ben-
eficiarias das estradas do
Minho 60:000\$000

Estamos convencidos, que se
os dois irmãos podessem
ter recebido maior quan-
tia, de certo não accepta-
riam uma tal ninharia:

Em 1844, pela approvação
dos estatutos da compa-
nhia Confiança 110:000\$000

Não era possivel fazerem a
cousta mais em conta; cen-
to e dez contos de réis á
primeira vista parece ser
uma grande somma, por-
rém realmente na epocha
em que vivemos, é bem
pouca cousta!

Em 1844, pela arrematação
do contracto do tabaco =
em letras = 50:000\$000

Fôo mehos má pitada, foi
do meio grosso.

Em 1845, foram chuchando
pela compra e venda do
privilegio das estradas de
Lisboa ao Porto, que a
companhia das Obras Pu-
blicas comprou por quin-
hentas contos de réis, e
pela das estradas do Mi-
nho, que á mesma com-
panhia comprou por igual
quantia 240:000\$000

As pessoas que conhecem o
pouco ou nenhum valor
que tem o dinheiro, e
quanto elle é nocivo á so-
ciedade, reconhecerão fa-
cilmente que os dois ir-
mões cabraes prestarão um
imminente serviço ao paiz
tirando da circulação du-
zentos e quarenta contos;
desse metal corrupto e
origem de mil desgraças.

Pelo contracto das estradas
de Lisboa ao Porto 120:000\$000

E' fóra de toda a duvida que
este negocio seria pretario

600.000\$000

Transporte 600:000\$000
para os dois associados,
se o fizessem por menos.

Pela approvação do contra-
cto com a companhia das
Obras Publicas, adjudi-
cando-lhe todas as obras
publicas do reino sem con-
curso 110:000\$000

Estamos convencidos que se
houvesse quem desse mais
dos cento e dez contos de
réis, não deixaria de ha-
ver concurso!

Pelo contracto do gaz, dizem
os amigos da verdadeira
luz, que receberam! 18:000\$000

728:000\$000

Nós perguntamos á toda Lisboa se acham
exaggerada esta somma? Sem ella ainda
hoje estaríamos nas trevas.

Ha muita gente que afirma ser tudo
isto verdade; e a sê-lo, setecentos e vinte
oito contos de réis divididos por dois,
fazem trezentos e sessenta e quatro contos
por cabeça, o que de certo é uma mise-
ria; nós não temos um scutil, pois se al-
guem nos offerecesse hoje o dobro de tal
somma recusávamos, porque trezentos con-
tos de mais ou de menos não tiram o pé
do lodo a pessoa alguma.

O CONDE DE TOMAR.



As noticias recebidas da
Galliza consta, que o
augusto conde de tomar
para economisar se acha
habitando um palheiro,
ou agua furtada em Ma-
drid, e diz a quem o
quer ouvir, que visto a
sua proxima volta a Lis-
boa, não quer comprar

tafécós.

Não ha duvida, o agosto conde é es-
perado em Lisboa; parece que vem assis-
tir ao feliz successo da augusta consorte,
e ao mesmo tempo desemparar a crise,

Cautela!



Não nos enganamos com a
phoca. N'uma d'estas noi-
tes passadas deu-se a co-
nhecer a infeliz ou o infe-
liz, porque pertence a am-
bos os sexos. Ouviram-se
apitos, e averiguado o caso
o general D. Piugadas de
Redondilhas, não podendo
já supportar a temperatura da agua fria,
arremeçou-se a um municipal, e tirando-
lhe o sabre bradou — *libertá ou muerte!*

Na rua Nova do Carmo parecia o dia de juizo, e só depois de longo combate é que se conseguiu domar o general, que parecia um leão e não pheca.

Cautela! dizemos ao poder. E quem me adverte, diz o adagio, meu amigo é.

NOTICIAS IMPORTANTES COM POUCO INTERESSE.



erenou a tempestade. No paiz, em S. Carlos e no Gymnasio não se falla por ora em crise: parece ficará de *quarentena*.

E neste mesmo momento ocorre-nos uma idéa que talvez mereça a attenção dos homens sensatos. Porque não hão de os actores do Gymnasio passar para ministros e os ministros para actores? A differença não é grande: no Gymnasio representam-se comedias, e no mundo politico é o mesmo sem tirar nem pôr.

FANTASIAS.

IV.

O que he o janota apaixonado?



O janota apaixonado é magro, pálido e esguio; os olhos encovados; e os cabellos dispersos e soltos sem cuidado parecem ressentir-se d'um certo desleixo. Não anda arrastase, não falla murmurando. O vestuario todo escuro derrama-lhe na phisionomia um certo ar de tolo que o torna sobremaneira intelligente. Dirieis ser a estatua da desventura.

O janota apaixonado tem por costume apaixonar-se por todas as mulheres que encontra, e ellas para se vingarem nenhuma o atura.

Anda ordinariamente pelos logares mais publicos, senta-se no Passeio Publico e apresenta um ar de tristura que muito bem lhe vai. « Lá está ella. » « Ella vê os peixinhos do tanque. » « Ella brinca com o filho! » E segue-a de longe, vocifera contra o marido e protesta tornar-se um verdadeiro Werter — ou suicidar-se ou jogar a pulla no Marrare.

A noite está em S. Carlos. Olha para o objecto querido — suspira, vendo-se despresado jura vingar-se, matar o seu rival... muda de resolução, vai fumar um charuto!

O seu quarto não encerra senão pinturas eroticas. Hero e Leandro, Laura e Petrarca, Heloisa e Abelard. Antes de dormir o janota apaixonado resa um hymno d'amôr, lança-se no vasto campo dos sonhos, e a final dorme como pedra no fundo de um poço.

CONSTA que a saúde de D. José Trasteimundo continúa amuada, e que a phoca o mandará visitar por um dos animaes ferozes da sua comitiva.

EDITOR RESPONSÁVEL — MANOEL DE JESUS COELHO. — Typ. de M. de Jesus Coelho — Rua do Poço dos Negros N.º 54.



A VERDADEIRA CRISE DO PAIZ